

RESUMO EXPANDIDO - PROMOÇÃO DE SAÚDE A PARTIR DE UMA
PERSPECTIVA INTERSECCIONAL

**INCONGRUÊNCIA E VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES NO FILME É ASSIM
QUE ACABA**

Dominique Nobre Jacinto (dominiquenjacinto@gmail.com)

Flávia Costa Da Cruz (cruzflavia2019@gmail.com)

Giovana Gândara (giovanagxndara@gmail.com)

Marceli Aviz Silva (marcely.aviz@gmail.com)

Caroline Cavalcante Da Silva (caroline.cavalcantepsicologia@gmail.com)

Introdução: A violência contra a mulher insere-se em uma estrutura histórica marcada por desigualdades de gênero que atravessam dimensões como classe, raça, sexualidade e território, exigindo análise crítica desses entrecruzamentos. Essas desigualdades também se manifestam nas relações afetivas e familiares, especialmente em contextos abusivos, nos quais práticas como invalidação emocional e controle afetam a percepção de si e produzem sofrimento psicológico. À luz da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), desenvolvida por Carl Rogers, tais experiências podem ser compreendidas como dificuldades na simbolização e integração das vivências, sobretudo quando o ambiente relacional se mostra ameaçador à autenticidade,

favorecendo processos de distorção ou negação da experiência e intensificando a incongruência (Rogers, 1992). Na perspectiva rogeriana, o sofrimento psíquico emerge quando condições ambientais fragilizam a confiança nas próprias percepções, ainda que todo indivíduo possua uma tendência atualizante, entendida como impulso inerente ao desenvolvimento e à realização de suas potencialidades (Rogers, 1992). A expressão dessa tendência depende de condições relacionais favoráveis, especialmente aquelas pautadas na empatia, na aceitação positiva incondicional e na congruência (Lima; Branco, 2023a). Conforme propõe Puente (1979), o self real refere-se à experiência vivida de forma autêntica, enquanto o self ideal corresponde à imagem construída a partir de expectativas e condições de valor internalizadas. A discrepância entre essas instâncias configura a incongruência psíquica, caracterizada pelo distanciamento entre a experiência sentida, consciência e simbolização. De acordo com Lima e Branco (2023b), ambientes relacionais que ameaçam a autenticidade e restringem a expressão emocional tendem a ampliar os processos de incongruência, afetando negativamente a autonomia, o bem-estar psicológico e a percepção de si. De modo complementar, Maciel e Branco (2025) destacam que contextos coercitivos e violentos aprofundam o afastamento do sujeito em relação ao próprio self, dificultando a integração da experiência. Nessa direção, o filme “É Assim que Acaba” ilustra essas dinâmicas ao retratar a trajetória de Lily Bloom em um relacionamento marcado por violência e ambivalência afetiva, no qual experiências abusivas sustentam processos de negação e minimização que ampliam o distanciamento entre sentimentos vividos e interpretações conscientes, justificando a análise de uma cena à luz da Abordagem Centrada na Pessoa para compreender a incongruência na violência contra a mulher. Discussão: A cena analisada ocorre no contexto do relacionamento amoroso heterossexual entre Lily Bloom e Ryle Kincaid, em que Lily é retratada como uma mulher branca, jovem e de classe média, enquanto Ryle é apresentado como um neurocirurgião branco, socialmente prestigiado e financeiramente estável; a relação, inicialmente idealizada, passa a revelar dinâmicas de controle que inserem Lily em um ciclo de violência. Nesse contexto, ocorre o episódio em que Ryle, ao se queimar ao retirar uma travessa do forno, agride Lily fisicamente quando ela se aproxima para ajudá-lo. A ruptura entre o cenário doméstico cotidiano e a violência

explícita evidencia o caráter imprevisível da violência. A protagonista interpreta o ocorrido como um acidente, mobilizando mecanismos de negação e minimização. Posteriormente, um flashback revela a intencionalidade do ato, configurando a primeira agressão explícita no relacionamento e rompendo a imagem idealizada que Lily havia construído sobre o parceiro, o que inaugura a percepção do ciclo da violência, marcado pela alternância entre afeto, agressão, justificativas e conflitos emocionais. A violência vivenciada por Lily expressa relações estruturais de poder que atravessam sua experiência subjetiva, inserindo-se em uma organização social marcada por desigualdades de gênero. A partir disso, compreende-se que a desigualdade de gênero constitui elemento central na violência, sendo a opressão, marcada por relações desiguais de poder e submissão, núcleo fundamental para entendê-la como fenômeno social decorrente das iniquidades de gênero (De Lucena, 2016). Nesse contexto, observa-se um processo de incongruência, no qual Lily tenta conciliar o vínculo afetivo, suas memórias infantis de violência e a realidade concreta da agressão. A cisão entre a experiência sentida, marcada por dor, medo e insegurança, e a interpretação consciente construída para preservar a relação evidencia um afastamento da experiência imediata, sustentado por condições de valor que restringem a liberdade experiencial (Rogers, 1992). Progressivamente, Ryle passa a ocupar o lugar de pessoa-critério no campo experiencial de Lily. Ao subordinar suas percepções e sentimentos aos parâmetros do parceiro, a protagonista desconsidera sinais experienciados, aprofunda o afastamento em relação ao self e intensifica a incongruência entre experiência e simbolização. Para além da incongruência, a cena dialoga com o conceito de tendência atualizante, compreendida como a força inerente que impulsiona o indivíduo ao crescimento e à realização de suas potencialidades (Telles, Boris, Moreira, 2014). No entanto, no contexto do filme, essa tendência encontra-se bloqueada por um ambiente relacional ameaçador, marcado por controle e invalidação emocional, comprometendo a expressão autêntica da protagonista. No que se refere ao manejo clínico, a atuação do psicólogo diante de experiências de violência envolve a construção de um clima psicológico seguro, sustentado pelas atitudes facilitadoras. Conforme orienta Delzियो (2022), o atendimento a mulheres em situação de violência requer escuta qualificada, ausência de culpabilização e respeito ao tempo subjetivo da cliente. A postura não diretiva

valida a experiência emocional, fortalece a confiança nas próprias percepções e favorece movimentos gradativos em direção à congruência interna. Conclusão: A análise fundamentada na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) evidenciou a pertinência dessa perspectiva para compreender os impactos psicológicos da violência doméstica. A partir da experiência de Lily no filme “É Assim que Acaba”, identificou-se como a incongruência se manifesta e se intensifica em contextos abusivos, afetando a percepção de si, a organização das vivências e o reconhecimento de situações que ameaçam a integridade emocional. A incongruência mostrou-se elemento central na configuração do sofrimento da protagonista, especialmente quando Lily passa a priorizar as expectativas do parceiro em detrimento de suas próprias percepções, ampliando a discrepância entre self real e self ideal e reforçando a influência das condições de valor sobre a liberdade experiencial. Observou-se, ainda, que a tendência atualizante permanece ativa, porém bloqueada por um ambiente relacional desfavorável, o que restringe a expressão autêntica e os movimentos de crescimento psicológico. No âmbito clínico, destaca-se a importância das atitudes facilitadoras, empatia, aceitação positiva incondicional e congruência, para a construção de um espaço terapêutico seguro, ético e não julgador, capaz de favorecer o contato com experiências negadas ou distorcidas e sustentar movimentos graduais em direção à congruência. Sob uma perspectiva interseccional, compreende-se que a violência contra a mulher não pode ser analisada apenas no plano individual ou relacional, mas deve ser situada em uma estrutura social atravessada por desigualdades de gênero, articuladas a marcadores como raça, classe, sexualidade e território. Ainda que Lily seja retratada como mulher branca e de classe média, sua experiência evidencia como a opressão de gênero produz sofrimento psíquico e reforça a necessidade de uma compreensão crítica das vulnerabilidades que atravessam mulheres em diferentes contextos sociais. Por fim, a análise evidencia que a violência doméstica produz rupturas profundas na relação do sujeito consigo mesmo, afetando autoestima, autonomia e autenticidade, o que reforça a ACP como uma abordagem potente para compreender esses processos e fundamentar intervenções clínicas sensíveis e humanizadas junto a mulheres em situação de violência. Nesse sentido, reconhecer os marcadores sociais que atravessam a violência é fundamental, pois modulam vulnerabilidades e possibilidades de

cuidado, de modo que a promoção da saúde exige uma compreensão crítica das desigualdades de gênero articuladas a outras dimensões estruturais, ampliando o olhar clínico para além do âmbito individual.

Referências Bibliográficas:

DE LUCENA, Kerle Dayana Tavares et al. Análise do ciclo da violência doméstica contra a mulher. *Journal of Human Growth and Development*, v. 26, n. 2, p. 139-146, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7322/jhgd.119238>. Acesso em: 11 fev. 2026.

DELZIOVO, Carmen Regina et al. Guia para o manejo de situações de violência doméstica contra a mulher na APS. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2022. Disponível em: https://culturadepazjf.wordpress.com/wp-content/uploads/2022/10/guia_violenciamulheres_v4-1-1.pdf/ Acesso em: 28 nov. 2025.

É ASSIM que acaba. Direção: Justin Baldoni. Produção: Wayfarer Studios. Estados Unidos: Sony Pictures, 2024. Filme.

LIMA, Maria Clara Silva; BRANCO, Paulo Coelho Castelo. Releitura da teoria rogeriana da personalidade sobre os fenômenos da autoimagem corporal e autoestima. *Revista Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, v. 12, n. 1, p. 20-36, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.37067/rpfc.v12i1.1128>. Acesso em: 29 nov. 2025.

LIMA, Maria Clara Silva; BRANCO, Paulo Coelho Castelo. Terapia Centrada na Pessoa e Processo de Reorganização da Autoimagem e Autoestima: Pesquisa-Ação. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 23, n. 2, p. 766-785, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/epp.2023.77711>. Acesso em: 29 nov. 2025.

MACIEL, Rodrigo Ferreira; BRANCO, Paulo Coelho Castelo. Um entendimento sobre o trauma psicológico baseado em Carl Rogers: ensaio teórico. *Revista Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, v. 14, n. 1, p. 31-48, 2025.

Disponível em: <https://doi.org/10.37067/rpfc.v14i1.1180>. Acesso em: 29 nov. 2025.

PUENTE, Miguel. Teoria da personalidade e desenvolvimento humano. São Paulo: Editora Atlas, 1979.

ROGERS, Carl R. Tornar-se pessoa: um enfoque da psicoterapia centrada no cliente. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1992.

TELLES, Thabata Castelo Branco; BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; MOREIRA, Virginia. O conceito de tendência atualizante na prática clínica contemporânea de psicoterapeutas humanistas. Revista da Abordagem Gestáltica, Goiânia, v. 20, n. 1, p. 13-20, jun. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672014000100003. Acesso em: 29 nov. 2025.

Palavras-chave: violência contra a mulher; abordagem centrada na pessoa; incongruência; self; manejo clínico.